

Cibercultura e Historiografia: Formas de ler e escrever no tempo presente.

Enviado em:
21/10/2012

Aprovado em:
14/11/2012

Pedro Eurico Rodrigues¹

Mestre em História pela UDESC
pedro.eurico.rodrigues@gmail.com

Resumo

Pretende-se investigar as novas formas de ler e escrever criadas a partir da Internet na primeira década do século XXI. Dessa forma, a Internet será utilizada como fonte, analisada dentro da perspectiva da História do Tempo Presente. A escrita da Internet aparece nas comunidades e perfis da rede social Orkut, de blogues, fotologs e uma infinidade de sites nos quais se pode verificar uma forma de ler e escrever da contemporaneidade, por meio do hipertexto. A rede social Orkut passa então a ser um objeto valioso para a História do Tempo Presente, e nela se notam os retornos dos testemunhos: para além da visão, do estar lá, agora se verifica a produção de uma nova escrita, sociabilidades e memórias com o intuito de serem uma salvaguarda do tempo e do espaço, o momento do passado que se pretende lembrar no presente. Caracterizando um tempo passado cada vez mais próximo, devido à aceleração do tempo (NORA, 1993). Outra fonte que será utilizada para perceber esse momento no Brasil serão as matérias da revista Veja, periódico de informação semanal de variedades, no qual será verificado o aparecimento da rede social bem como o da Internet. Com este artigo almeja-se abrir diálogos entre a História e a Internet, notadamente a partir dos aportes teóricos da História do Tempo Presente.

15

Palavras-Chave

História do Tempo Presente. Internet. História da Cultura Escrita e da Leitura.

Abstract

It is intended to investigate new ways of reading and writing created from the Internet in the first decade of this century. Thus, the Internet is used as a source, analyzed from the perspective of the History of the Present Time. The writing of the Internet, appears communities and Orkut social network profiles, blogs,

1 Este artigo é resultado da dissertação intitulada “Do on-line para off-line: Sociabilidades e Cultura Escrita proporcionadas pela Internet no Brasil do Século XXI (2001-2010)” projeto que contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior (CAPES)

photoblogs and a plethora of sites where you can figure out a way to read and write contemporary, through hypertext. The social network Orkut passes then be a valuable object for the History of the Present Time. Where notice returns the testimonies: in addition to sight, to be there, now there is a new production written, sociability, and memories in order to save time and space, past the time that you want to remember at present. Featuring a past time ever closer, due to acceleration time (NORA, 1993). Another source that will be used to realize this moment in Brazil, will be the subjects of *Veja* magazine, the weekly journal of information varieties, where it will be seen the emergence of social networking and the Internet. With this article aims to open dialogue for the story and the Internet, especially from the theoretical contributions of the history of the Present Time.

Key-Words

History of Present Time. Internet, History of Culture Writing and Reading.

Mas, hey mãe, alguma coisa ficou pra trás/
Antigamente eu sabia exatamente o que
fazer/ (...) / Que agora, lá fora, o mundo todo
é uma ilha/ A milhas e milhas de qualquer
lugar/ (...) Mega, Ultra, Hiper, micro, baixas
calorias, Kilowatts, Gigabytes/ E eu? o que
faço com esses números?/ Eu? o que faço
com esses números? (GESSINGER 2004)

Nesta última década do século XXI houve um bombardeio de todos “esses números” de que fala a música do grupo Engenheiros do Hawaii. O domínio deles proporcionou uma nova experimentação nas formas de sentir, de comunicar e de se relacionar com o tempo. Por ora, esse tempo acelerado (NORA, 1993) dos fins do século XX e do início do XXI provocou angústias, pois há uma multiplicidade de acontecimentos, de “agoras” (BENJAMIN, 1987, p. 222-233). Pessoas estão conectando-se para além do olhar, da fala, do gesto: a conexão desse presente dá-se “a milhas e milhas de qualquer lugar”. Os números que são constituídos apenas de 0 e 1, os números binários, possuem sequências que correspondem ao vazio e ao cheio, ao verdadeiro e ao falso, ao aceso e ao apagado, ao negativo e ao positivo. Não há possibilidades para além destes algoritmos. Porém, somente com a conquista deste sistema binário, mundos virtuais foram criados e toda a explosão de informações, fotos, palavras, e relações fez-se possível no on-line. Não vou aqui me ater aos números, só faz-se importante salientar que o domínio deste sistema possibilitou a construção dos computadores que conhecemos. O que se pretende é historicizar estes computadores relacionados aos seus usos e práticas; não as sequências de números, teoremas, todos os circuitos e as placas de silício, mas sim as linguagens produzidas por homens e mulheres nesse novo “lugar praticado” (CERTEAU, 2008), conhecido por teóricos como Ciberespaço

(LEVY, 1999; LOBO, 2007; SIBILIA, 2008; RIFIOTIS, 2010).

Este espaço acelerado, onde a história transita a passos lentos e cautelosos, faz com que se experimente o tempo de outra forma, quando a história muitas vezes afasta-se por não conseguir acompanhá-lo. A História do Tempo Presente vem no intuito de ajudar a compreender e acompanhar esses movimentos da contemporaneidade. A emergência de fazermos uma história da Internet (Ciberespaço) vai ao encontro de toda sua efemeridade e volatilidade, pois onde no hoje se encontram os rastros e os testemunhos, no amanhã já não se sabe. Assim, encontra-se um desafio: entender a Internet como fonte para a História do Tempo Presente em interface com as diversas formas de ler e escrever que, através dos rastros e testemunhos deixados na rede mundial de computadores, servem de amparo às discussões da História da Cultura Escrita e da Leitura. Aqui, as imagens, os vídeos e outros rastros em diferentes suportes não serão analisados, mas somente o escrito e ao que a ele se refere. Este recorte faz-se necessário, pois não é intuito deste trabalho fazer uma história total da Internet. A História, enquanto disciplina, como nos lembra Michel De Certeau (1982, p. 86), sofreu muitas mudanças, como a ideia de que, na figura do historiador havia apenas um detentor do saber histórico, ideia essa que se confronta com a de muitos especialistas sem destino:

O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em torno das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. Numa sociedade devotada à generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele se dirige para as Marcas das grandes regiões exploradas. 'Faz um desvio' para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, a Ocitânia, etc., todas elas zonas silenciosas.

17

O historiador do presente, pensado a partir da assertiva de Michel De Certeau, pode aventurar-se e “fazer um outro desvio” em zonas mais barulhentas e superpovoadas, como as mídias (BRIGGS; BURKE, 2006), e entre elas a Internet. Nessa perspectiva, pretende-se verificar as práticas de escrita e leitura da rede, entre os anos de 2001 e 2010, pensando nas suas mudanças. A temporalidade na rede é um emaranhado no qual o passado, o presente e o futuro estão cada vez mais porosos, mais fluidos: produtos do regime de historicidade presentista. François Hartog dá indícios de que ao tratar do presentismo, regime de historicidade que temporalmente corresponde de 1989 aos nossos dias:

Não irei considerar todas as formas de tempo ou experiência temporal, mas apenas aquelas que pertencem à tradição do saber: mais precisamente, os modos por que conectam presente, futuro e passado na escrita da história. Estas configurações intelectuais compõem apenas uma camada das relações complexas e intrincadas para o tempo mantidas por toda sociedade a cada momento, uma trama percorrendo a tapeçaria. (HARTOG, 1996)

Como uma tapeçaria, a Internet é um meio em que convergem várias temporalidades. Uma tapeçaria que vem se construindo há pouco mais de uma década no Brasil e hoje por milhões de tecelões, cada qual com um fio que tece esse mosaico? (Tecer um mosaico? A metáfora estava legal até agora!) de sentidos. Cabe ao historiador do tempo presente tornar este espaço um tapete macio a pisar, ao olhar para esses fios como rastros deixados em um passado.

Assim, tenta-se aqui dar sentidos às formas de ler e escrever dos primeiros sites, a essa “nova domesticação” a que muitos brasileiros e muitas brasileiras foram submetidos. Das telas das novas urnas eletrônicas, quando pela primeira vez sujeitos tiveram que se deparar com uma tela, sequenciar números e confirmar seu voto ao ver a foto de seus candidatos. Ou ainda as telas de caixas eletrônicas em que se consegue verificar saldos, extratos e executar transferências, até a tela de um computador doméstico, em que é possível escrever textos, fazer planilhas, desenhar, acessar e copiar conteúdos, dependendo do poder aquisitivo.

Pautadas pela tecnocracia, todas essas práticas presentes foram e estão sendo inseridas no cotidiano de milhões de brasileiros(as): do celular de ponta à *lan house*, do laboratório de informática em escolas às bibliotecas, todos agora têm essa necessidade de acessar, o que passa a revelar ares de uma nova modernidade, em que os velhos se perplexificam com a facilidade dos mais novos. A frase “é fácil, tio” está cada vez mais presente na fala das gerações que cresceram envoltas às tecnologias. Pode-se pensar nisso a partir do excerto do escritor de ficção científica Douglas Adams:

18

Tudo o que já existia no mundo antes de nascermos é absolutamente natural; as novidades que aparecem enquanto somos jovens são uma grande oportunidade e, com alguma sorte, podem até ser uma carreira a seguir; mas tudo que aparece depois dos trinta é anormal, um fim do mundo que conhecemos, até que tenhamos convivido com a coisa por uns dez ou quinze anos, quando começa a parecer normal. (ADAMS apud MEIRA, 2009, p. 81)

A frase de Douglas Adams dá indícios dos conflitos dessas gerações acerca da tecnologia posta pelo presente. O historiador Pierre Nora ajuda a pensar sobre tais valorizações do novo e do velho:

É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade de uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. Valorizando, por natureza, mais o novo do que o antigo, mais o jovem do que o velho, mais o futuro do que o passado. (NORA, 1993, p. 13)

Ambos, historiador e escritor, mostram que nossa sociedade vive a busca incessante por novidades e inovações que se tornam o cerne destas novas gerações,

quando o presente é constantemente alargado. A Internet passa a ser uma constante neste processo de presentificação entre os jovens e também entre os adultos: o passado passa a ser manifestado através de fotos, vídeos e textos escritos, e ao alcance de poucos cliques pode ser revisitado. O futuro é cada vez menos visado, o horizonte de expectativa pintado pelas mídias assemelha-se aos cenários dos filmes *Blade Runner* (SCOTT, 1982) e *Mad Max* (MILLER, 1979), nos quais o planeta está devastado e consumido por um individualismo pautado em tecnologias precárias.

Neste presente por onde se pretende trilhar (2001-2010) há um crescente de números, nomes, letras e signos através das várias faces da mídia: das revistas ao rádio, da televisão aos jornais. O Brasil e o mundo começam a respirar de forma voluntária e involuntária essas novas escritas com estas nomenclaturas da “Era Numérica” (CHARTIER, 2009), em que ouvimos/lemos o arroba (@), o “http//:”, o “www”, exemplos de novas escritas com que a sociedade do presente tem de lidar. Observando os discursos midiáticos, é encontrada uma série de resistências ao novo hábito de ficar em frente ao computador. Um exemplo é a nota publicada na revista *Veja* de 8 de junho de 2001:

Seu filho está indo mal na escola? Que tal checar os hábitos dele na Internet? Pesquisa conduzida na Universidade Estadual de Nova Jersey, EUA, aponta o que pode estar por trás do fraco desempenho de muitos universitários: descontrole e excesso de tempo na rede. Estudantes que relataram ter problemas nas atividades acadêmicas gastavam cinco vezes mais horas conectados do que a turma sem notas vermelhas. Muitos ficavam acordados até altas horas da noite, dormiam menos e faltavam às aulas. Tudo para trocar mensagens instantâneas e participar de salas de bate-papo (*Revista Veja* 6 de junho de 2001, p. 147.).

19

São os velhos problemas geracionais entre pais e filhos e entre tecnologia e os seus malefícios. Só da segunda metade do século XX até o presente, pode-se listar vários debates em torno destas disputas que foram travadas entre pais e filhos. Em termos brevemente comparativos, é possível perceber similitudes desse debate durante o pós-guerra, em que é possível ver inúmeros especialistas apontando para os malefícios das histórias em quadrinhos e os “perigos” em torno da leitura dessas histórias (DE LUCA, 2010, p. 128). Outro exemplo são os videogames, card games² e RPG³ da década de oitenta ao presente, que também sofreram questionamentos quanto às suas práticas e usos. Com a Internet não tem

2 Card Games são jogos de cartas com regras específicas para cada tipo de jogo e podem ser relacionados a desenhos animados, filmes ou ter um cenário próprio. Pokémon, Senhor dos Anéis, Magic The Guentheri, são exemplos de alguns *card games*.

3 Do inglês Role Play Game (ou Jogo de Interpretação de Papéis), onde jogadores imbuídos de fichas, dados e regras próprias de cada sistema interpretam papéis em mundos ficcionais em variados cenários, tais como fantasia medieval, cenário cyber punk, um mundo com vampiros e lobisomens, etc.

sido diferente, como podemos verificar a partir do discurso da Revista Veja em 2001, a qual coloca a rede como uma vilã que deve ser policiada, pois desvia os alunos dos estudos (BRIGGS; BURKE 2006, p. 303).

O texto eletrônico foi um novo suporte de leitura experimentado nestas últimas décadas (1990-2010), que possibilitou ao leitor “navegar” em várias páginas ao mesmo tempo. Roger Chartier (2002) percebe a mudança do texto eletrônico a partir de três pontos: sendo o primeiro deles relativo à escrita do texto, o segundo referente à escrita diretamente na biblioteca e o terceiro referente à construção de uma biblioteca universal:

Tal vinculação está arraigada a uma história de longa duração da cultura escrita e provém da sedimentação de três inovações fundamentais: em primeiro lugar, entre os séculos II e IV, a difusão de um novo tipo de livro, que ainda é o nosso, isto é, o livro composto de folhas e páginas reunidas dentro de uma mesma encadernação que chamamos códex e que substituiu os rolos da Antiguidade grega e romana; em segundo, no final da Idade Média, nos séculos XIV e XV, o aparecimento do “livro unitário”, ou seja, a presença, dentro de um mesmo manuscrito, de obras compostas (Petrarca, Boccaccio, Christine de Pisan), enquanto antes essa lista caracterizava apenas as autoridades canônicas no século XV, a invenção da imprensa, que continua sendo até agora a técnica mais utilizada para a reprodução do escrito e a produção de livros. Somos herdeiros do livro, isto é, ao mesmo tempo um objeto material e uma obra intelectual ou estética identificada pelo nome de seu autor, como para percepção das culturas imediatamente visíveis entre os objetos (cartas, documentos, diários, livros etc.) [...] que se transforma profundamente com a textualidade eletrônica. (CHARTIER, 2002, p. 22)

20

O escrever e o ler no virtual são entendidos por Chartier (2002) como a possibilidade de modificar, editar, cortar, copiar; ou seja, usar os novos mecanismos que foram incorporados à escrita e à leitura frente à tela. No livro impresso, salienta o autor, a única forma de subverter o texto dá-se através de escritas nas marginais e grifos que insinuam, mas não modificam o texto. No momento em que escrevemos na própria tela, o texto poderá ser alterado e reescrito pelo leitor. Outra prática bastante corriqueira a partir da difusão da rede é a assinatura de textos por parte de autores bastante conhecidos, mesmo o texto não sendo de sua autoria. Tais textos, chamados de apócrifos, circulam através de e-mails e redes sociais⁴.

Sobre o segundo ponto, “escrever diretamente na biblioteca”, o autor propõe que a Internet, na sua parte escrita, é como uma grande biblioteca, e pode-se concordar aqui com essa assertiva entendendo biblioteca como um conjunto de textos. Ao comparar a produção de um livro (que demanda tempo e as várias partes envolvidas, do autor ao leitor) à escrita do texto eletrônico (em

4 Exemplos sobre isso no Brasil são os textos recebidos/enviados por e-mail assinados por Luís Fernando Veríssimo, Arnaldo Jabor e Jorge Luiz Borges e que não são reconhecidos como de autoria própria.

que a simultaneidade e o imediatismo imperam, sem intermediários) o autor está, portanto, cara a cara com o leitor. A única premissa é que ambos estejam on-line.

Já o terceiro ponto abordado pelo autor é a construção de uma biblioteca universal a partir da crescente transformação do texto escrito em papel ao texto eletrônico, quando o documento passa do suporte físico ao suporte virtual, permitindo, portanto, um não-lugar para o documento, podendo ser acessado de onde for possível, formando, por conseguinte, um patrimônio universal.

Essa nova abordagem do escrito revela uma nova postura: a de estar sentado frente à tela, ao contrário das práticas de leituras anteriores:

Sabemos que a leitura do rolo da Antiguidade era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia. Sabemos que o códex, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada mas que sempre percebia a totalidade da obra identificada por sua própria materialidade. (CHARTIER, 2002, p. 30)

Já o texto eletrônico permite modificações conforme as atualizações em sites vão sendo executadas. Outra possibilidade de tais modificações são os caminhos que os internautas percorrem através dos sites, a partir dos links nele dispostos. Cabe aqui explicar o que é um site e mostrar os seus diferentes tipos para podermos entender o que Chartier chama de texto eletrônico. Sites são o conjunto de páginas ou textos eletrônicos e cada um é identificado com um endereço eletrônico, que no presente se inicia com “http://” e/ou “www”, e termina com: ponto “com”, ponto “gov” ou ponto “br”. Através da criação da aplicação de informação “www” (*World Wide Web*) foi possível que a Internet saísse das universidades e centros militares para galgar passos a uma escala global. Essa aplicação foi criada por Tim Berners-Lee em 1990 no CERN, Laboratório Europeu de Física de Partículas em Genebra (CASTELLS, 2003, p. 17). Peter Burke e Asa Briggs (2006, p. 302) colocam que:

Tim Berners-Lee imaginou o que chamou de ‘World Wide Web’ em 1989. ‘Suponha que eu tenha a possibilidade de programar meu computador para criar um espaço em que tudo possa ser ligado a tudo’, especulava ele. “Suponha que toda informação arquivada nos computadores de todos os lugares estivesse interligada”.

O indivíduo agora posto nesta “globalização imaginada” (GARCÍA CANCLINI, 2007) está para além das transações na bolsa de valores e viagens/migrações internacionais. Podendo agora experimentar um outro tipo de viagem através da tela do seu computador pessoal, sem sair de casa, podendo ler e escrever, além de interagir com outras pessoas do seu país e mesmo do mundo. Este indivíduo que ficou conhecido como internauta - ou o navegador desse “infomar”, - multiplicou-se muito rápido, paralelamente ao crescimento da teia (a web). É sobre esses desbravadores/as e os seus rastros, nos muitos mares cibernéticos, que

trata esse trabalho. Como todo desbravador/a de um novo mundo, encontram-se percalços dos mais infundáveis.

No momento em que a Internet como a conhecemos surgiu, no ano de 1996, ela era um lugar (pouco) praticado, restrito a poucas pessoas. Algumas instituições públicas e privadas estavam implementando o seu acesso e, no âmbito do privado, ter um computador com acesso à rede era considerado artigo do luxo. Além dos altos custos dos microcomputadores, os provedores de Internet eram restritos e com um custo considerado alto para os poucos benefícios que proporcionavam (geralmente uma conta de e-mail e acesso ao conteúdo de jornais), mas já anunciavam um devir. Podemos perceber isto a partir da coluna Hipertexto (Revista Veja de 8 de janeiro de 1997) : “Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar à rede”. Já uma propaganda da mesma revista em dezembro de 1996 dá indícios do preço de um computador doméstico, na “Promoção especial de Natal” (Revista Veja 25 de Dezembro 1996 p. 190.) da Itautec: o preço à vista era de R\$ 3.180,00 ou 18 vezes de R\$ 231,03 sem entrada, totalizando R\$ 4.158,54. Tendo em vista que o salário mínimo do ano de 1997 era de R\$ 120,00⁵, podemos inferir que a compra de um computador naquele preço, mesmo parcelada, era restrita a uma parcela pequena da população brasileira.

A passos lentos, a Internet no Brasil da segunda metade da década de 1990 estava atrelada a sites de grandes empresas e portais de notícias, sites de compra e venda, e as novidades do momento eram o correio eletrônico – e-mail – e as salas de bate-papo, além dos sites voltados para o público “adulto” com conteúdos pornográficos. Esse formato estende-se até o ano de 2004, quando a Internet passa a se modificar devido à criação da Web 2.0. Desde então o internauta deixa de ser mero “leitor” e “espectador” passivo e passa a construir os seus próprios conteúdos, além de comentar e interagir muito mais rapidamente com outros internautas, colunistas, jornais, revistas e companhias de televisão. Paula Sibília explora as características desse novo momento em seu livro *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*, e explica o conceito Web 2.0:

Trata-se, em suma, de um verdadeiro caldeirão de novidades que ganhou o pomposo nome de “revolução Web 2.0” e acabou nos convertendo nas personalidades do momento. Essa expressão foi cunhada em 2004, em um debate do qual participavam vários representantes da cibercultura, executivos e empresários do Vale do Silício. A intenção era batizar uma nova etapa de desenvolvimento da Internet, após a decepção gerada pelo fracasso das companhias pontocom: enquanto a primeira geração de empresas on-line procurava “vender coisas”, a Web 2.0 “confia nos usuários como co-desenvolvedores”. Agora a meta é “ajudar as pessoas a criarem e compartilharem ideias e informação”, segundo reza uma das tantas definições oficiais, “equilibrando a grande demanda com o auto serviço” [sic]. Essa peculiar combinação do velho slogan faça você mesmo com o novo mandato mostre-se como for, porém, vem transbordando as fronteiras da Internet. A tendência tem contagiado

5 Dado retirado do site do Ministério do Trabalho e Emprego no link: http://www.mte.gov.br/sal_min/EVOLEISM.pdf, acessado em 13/05/11

outros meios de comunicação mais tradicionais, enchendo páginas e mais páginas de revistas, jornais e livros, além de invadir as telas do cinema e da televisão. (SIBÍLIA, 2008, p. 14)

Tim Berners-Lee não foi solitário ao buscar a interligação total através do computador, ele só conseguiu materializar um sonho idealizado há menos de meio século antes da sua invenção, o “www”. Castells sintetiza as ideias e projetos científicos anteriores aos de Berners-Lee que visavam a computação interativa:

Vanneva Bush propôs seu sistema Mimex em 1945. Douglas Englebart projetou o seu On-line System, a que não faltava interface gráfica e mouse, trabalhando a partir do seu Augmentation Research Center na área da Baía de São Francisco, e demonstrou-o pela primeira vez em 1968. Ted Nelson, pensador independente, radical, anteviu um hipertexto de informação interligada em seu manifesto de 1963, *Computer Lib*, e trabalhou muitos anos na criação de um sistema utópico, *Xanadu*: um hipertexto aberto, auto-evolutivo, destinado a vincular toda informação passada, presente e futuro do planeta. Bill Atkinson, o autor da interface gráfica do Macintosh, desenvolveu um sistema *HyperCard* de interligação de informação quando trabalhava na Apple Computadores na década de 1980 [sic]. (CASTELLS, 2003, p. 17-18)

Assim, o criador do “www” fez com que a Internet passasse a se transformar no que conhecemos hoje, e através do programa (software) *Enquire* possibilitou computadores a trocar informações por meio dos protocolos de comunicação HTTP⁶ e URL⁷. A partir deles as empresas passaram a criar seus navegadores⁸, como o Netscape, em 1994, o *Internet Explorer* da *Microsoft*, criado em 1995, o *Mozilla Firefox*, em 2002 e o mais recente, *Google Chrome*, de 2008.

A partir desse mundo virtual crescente, surgiu uma gama de sites, cada qual com as suas especificidades, tais como: sites institucionais, que são sites de empresas, de governos (Governo Federal e Estadual, por exemplo) e de bancos; sites de notícias, que são Home Page de agências de notícias, revistas e jornais e alguns sites no formato de blogues; sites de aplicações, que englobam e-mails e ferramentas que permitem fazer on-line o que seria feito no computador, como por exemplo, os sites que possibilitam a produção de planilhas, textos e apresentações. Além desses há também os sites de Armazenagem de Informação, que são os sites de busca, podendo ser no formato wiki, de bancos de dados, de vídeos e de mercadoria; sites comunitários, que são as redes sociais, como chats, fóruns e sites de jogos; e os sites de Portal, que convergem vários tipos de sites em um só, geralmente de alguma empresa ou grupo ligado às comunicações (BRESCIANO,

6 Protocolo de Transferência do Hipertexto do inglês *Hypertext Transfer Protocol*.

7 Localizador Padrão de Recursos do inglês *Uniform Resource Locator*, que é a uma extensão total do endereço de um recurso (site, impressora, etc).

8 Navegadores aqui são os programas que possibilitam acesso à Internet.

2010).

Cada site permite uma leitura diferenciada e cada um possui um protocolo próprio de linguagem, como afirma Chartier:

É agora um único aparelho, o computador, que faz surgir diante do leitor os diversos tipos de textos tradicionalmente distribuídos entre objetos diferentes. Todos os textos, sejam eles de qualquer gênero, são lidos em um mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são dedicadas pelo leitor). Surge disso uma primeira inquietação ou confusão dos leitores, que devem enfrentar o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis, materiais que lhes permitem distinguir, classificar e hierarquizar. (CHARTIER, 2002, p. 23)

Anteriormente ao surgimento da web 2.0, as páginas que permitiam interação escrita entre leitor e autor eram o www.blogger.com, criado em 1999⁹ (Figura 1), e o www.fotolog.com, de 2002¹⁰ (Figura 2)¹¹. Tal interação dava-se através dos comentários que os leitores deixavam registrados no próprio site, nos textos e imagens do primeiro e nas fotos próprias do segundo. O comentário é uma função desses sites que pode ou não ser ativada e permite discutir o assunto publicado. Esses são exemplos de sites de informação e comunitários, ambos derivados da palavra *weblog* (*web* mais *log*), que em uma tradução literal significa memória (*log*) da teia/rede (*web*). Outra forma de verificar os leitores é através dos contadores (outra função que depende de ativação), que mostram o número geral de acessos. Tanto a prática dos comentários como a dos contadores foi aderida por outros tipos de sites, como os institucionais e de informação.

24

9 Informação retirada do site www.blogger.com (1999-2011) acessado em 20 de junho de 2011.

10 O site do fotolog tem o primeiro domínio registrado em 2002 como fotolog.net e a partir de 2005 como www.fotolog.com (2002-2011) acessado em 20 de junho de 2011.

11 A metodologia usada para acessar as versões antigas dos sites foi através do site <http://wayback.archive.org>, desenvolvido por <http://www.archive.org/>, conhecido com Arquivo da Internet. Uma instituição norte-americana sem fins lucrativos.



FIGURA 1 - Imagem do Blogger em 12 de outubro de 1999.



FIGURA 2 – Imagem do site Fotolog.net em 18 de junho de 2002.

Por meio dessas imagens, podem-se verificar as mudanças ocorridas nas formas de ler dos sites que eram frequentados por internautas no início do século XXI. É perceptível a escrita majoritariamente em inglês. Chartier (2002) afirma que essa universalidade do inglês no mundo digital torna a língua mais artificial do que elevada, como foi antes o latim:

De uma forma mais encoberta do que no caso das línguas inventadas no século XIX, o inglês, transformando em ‘língua franca’ eletrônica, é uma espécie de língua nova que reduz o léxico, simplifica a gramática, inventa palavras e multiplica abreviaturas do tipo (I ♥ you). Essa ambiguidade própria de uma língua universal que, por sua vez, tem como matriz uma língua já existente e impõe convenções originais possui três consequências. (CHARTIER, 2002, p. 17)

Chartier alerta para três consequências de tais convenções, sendo a primeira delas a hegemonia da língua inglesa que, para o autor, inutiliza a aprendizagem de outras línguas. A segunda consequência é a exclusão do conhecimento da língua inglesa a partir do conhecimento do inglês praticado na rede, pois, como coloca o autor, “o inglês que encontramos na rede é mais difícil, em certo sentido, do que aquele que é exigido para fazer comunicações formais” (NUNBERG apud CHARTIER, 2002, p. 18). O último dos resultados seria “o imperialismo ortográfico do inglês, que desconhece os acentos ou o til, impõe sua supressão às outras línguas quando são escritas ou lidas na tela do computador” (CHARTIER, 2002, p. 18).

Em questão de anos o inglês passa a dividir espaço com outras línguas, como o português - já que o público lusófono passa a participar com frequência desses sites - fazendo com que as empresas traduzissem suas páginas para o português. O Blogger é trazido ao Brasil em 2002 pela www.globo.com no endereço www.blogger.globo.com, como podemos ver na descrição de 19 de agosto de 2002 publicada por Editor Blogger:

26

Se Deus é brasileiro, por que diabos o Blogger tinha que ser americano? Problema resolvido: a Globo.com trouxe para a brazucolândia a ferramenta mais porreta da Internet. Comece já a desfrutar das vantagens de blogar em português com o Blogger.com.br!¹²

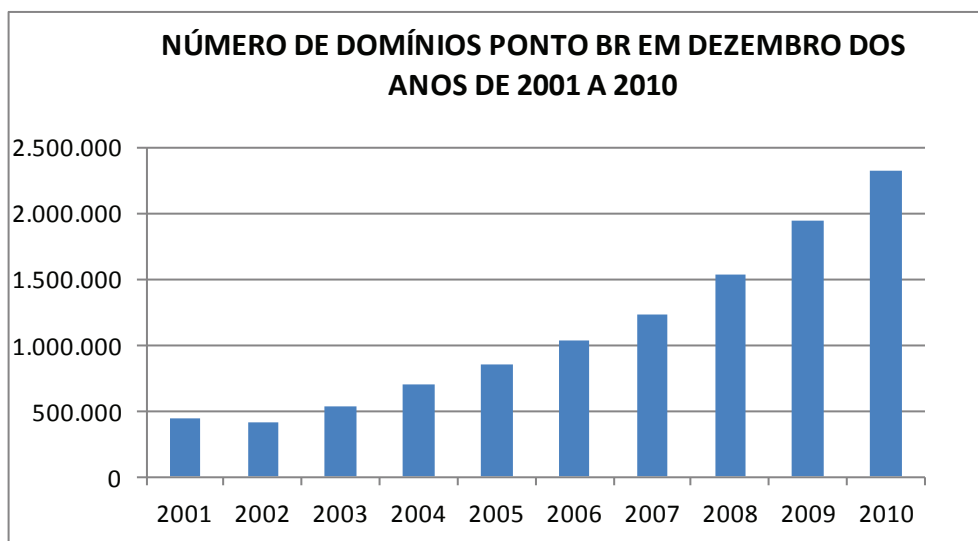
O público brasileiro passa a acessar cada vez mais espaços como blogs, portais de notícias, sites de bancos, sites de busca, sites oficiais, enfim, uma infinidade de escritas no português. Há um site chamado www.registro.br que se dedica a fazer todos os registros de domínios de sites com “ponto com ponto br” ou “ponto br”¹³, ou seja, para que um site brasileiro esteja funcionando por meio desses domínios é obrigatório que ele esteja registrado e cadastrado naquele site. A partir dos dados do site www.registro.br o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (www.cetic.br) desenvolveu uma tabela como os números de registros feitos no Brasil de 1996 a 2011, entre os meses de Janeiro e Dezembro¹⁴. Com base nesses números pode ser verificado o crescimento dos registros entre os

12 Retirado de <http://web.archive.org/web/20020822194007/http://blogger.globo.com/index.jsp> acesso em 25 de junho de 2011.

13 Conferir as listagens dos outros tipos de domínios em <https://registro.br/dominio/dpn.html> acesso em 21 de agosto de 2011.

14 Conferir o gráfico com o número dos registro em <http://www.cetic.br/dominios/index.htm>, acesso em 21 de agosto de 2011.

anos de 2001 e 2010 no mês de Dezembro de cada ano¹⁵ como aponta o Gráfico da Figura 3. O que se pode ver no gráfico é que, somente no Brasil, os sites registrados com o domínio “ponto br” chegam a quase dois milhões e meio de páginas, desconsiderando-se aí as redes sociais, blogues e outros domínios que não são registrados pelo site www.registro.br. Através disso é possível perceber esse crescente investimento na Internet como meio de comunicação entre o público e seus leitores.



27

FIGURA 3 Número de domínios “ponto BR” em dezembro dos anos de 2001 a 2010¹⁶.

O crescimento dos sites em domínio “ponto br” está atrelado ao aumento do número de usuários com acesso à Internet, devido aos programas de banda larga implantados no país, bem como a facilitação da compra dos microcomputadores. Outro fator importante é o crescimento de serviços on-line que possibilitam, para além do entretenimento, o consumo, as pesquisas escolares, a declaração do imposto de renda, entre outros serviços.

Essas páginas muitas vezes não dispõem de arquivos, ou seja, a cada conteúdo novo que é colocado na página o antigo é apagado, mostrando a volatilidade da Internet. Para conseguir o acesso às páginas desse passado-presente, pode-se utilizar o site www.archive.org, que detém um acervo de sites que permaneceram na rede até hoje, incluindo aí sites que não existem mais. O site é norte-americano e tem como proposta arquivar vários objetos virtuais que já não têm mais uso ou versões antigas do que ainda vem sendo usado. O archive.org apoia-se em cinco principais coleções (conferir Tabela 1): a web, que será mais explorada nesse trabalho; a

15 O mês de dezembro foi escolhido por ser o último mês, tendo em vista que o número mensal de registros é crescente, sendo o mês de dezembro sempre com o maior número de registros.

16 Este gráfico foi construído por Pedro Eurico Rodrigues através dos dados referentes aos números de sites registrados pelo www.registro.br.

*Moving Images*¹⁷ ou as imagens em movimento, onde encontramos quinze sub-coleções que vão desde imagens de vídeo games até programas de televisão; outra coleção é destinada a textos, encontrando-se aí, oito sub-coleções; uma coleção de áudio com doze sub-coleções; e uma de software com três sub-coleções.

Através da sub-coleção www.wayback.archive.org mostra-se a importância de estudar os protocolos de escrita e as possíveis leituras da Rede Social Orkut (www.orkut.com). Este pode ser problematizado a partir de suas primeiras páginas ao longo dos anos (partindo de 2004, ano de sua criação, até 2010) e suas formas de acesso.

TABELA 1 - Coleções e Sub-coleções do archive.org.

Archive.org	
Coleções	Sub-coleções
Web	A. <i>Wayback Machine</i> (destaque do autor) B. Archive-It C. Blog D. Heritrix
Imagens em Movimento	A. Animação & Cartoons B. Artes & Música C. Vídeos comunitários D. Computadores e Tecnologia E. Filmes Culturais e Acadêmicos F. Filmes Efêmeros G. Filmes H. Notícias & Assuntos Públicos I. Arquivo Prelinger J. Espiritualidade e Religião K. Vídeos de Esporte L. Televisão M. Vídeos de Videogame N. Entretenimento O. Mídia Jovem

17 A partir daqui as palavras em inglês que dão nome às coleções e sub-coleções serão traduzidas automaticamente pelo autor para o português.

Textos	<ul style="list-style-type: none"> A. Biblioteca Estadounidense (<i>American Library</i>) B. Bibliotecas do Canadá C. Biblioteca Universal D. Textos Comunitários E. Projeto Gutenberg F. Biblioteca para Crianças G. Biblioteca do Patrimônio Natural H. Coleções Adicionais
Áudio	<ul style="list-style-type: none"> A. Áudios-Livro & Poesia B. Áudios Comunitários C. Computadores e Tecnologia D. O Grateful Dead E. Arquivo de Música Ao Vivo F. Musica & Arte G. Netlabels H. Notícias e Assuntos Públicos I. Áudios não Anglófonos J. Podcasts K. Programas de Rádio L. Religião e Espiritualidade
Software	<ul style="list-style-type: none"> A. Museu do Computador DigiBarn B. Arquivo de Bulletin Board Software (BBS) C. Biblioteca de Software Tucows

O site www.orkut.com foi lançado em 2004 com a seguinte pergunta: “Quem você conhece?” e em seguida uma descrição da rede social (Figura 4):



FIGURA 4 - Página Inicial do Orkut de 2004

Para entrar no Orkut era necessário ter um convite através do e-mail de alguém que já estivesse na rede. Idealizada por Orkut Buyukkokten¹⁸, que dá o nome à rede, quando cursava a Universidade de Stanford (EUA), a rede social tinha pretensões de se conectar apenas aos seus amigos, mas acabou tomando proporções mundiais. Em 2005 o Brasil já participava com mais de 70 por cento dos usuários. (DAVILA, 2005).

No ano de 2007 a empresa *Google* compra os direitos da rede social e a incorpora em seus serviços. Uma das práticas da empresa é construir um canal de comunicação com o internauta através do blogue www.blog.orkut.com. Na publicação do dia 25 de junho de 2007 vemos o próprio criador do Orkut conversando com os internautas:

O Orkut foi lançado há mais de três anos, mas só agora estamos publicando o nosso blog – antes tarde do que nunca, certo? Esperamos que ele se torne um ótimo meio para você descobrir as novidades do site e conhecer nosso time. Aqui você vai ler sobre novas ferramentas, receber dicas de como usar as que já existem e ouvir histórias sobre nosso trabalho, além de ficar sabendo quem somos nós¹⁹.

A rede social passou, desde então, a ter o acesso liberado a qualquer um que se cadastrasse no site, e o foco da página principal mudou para atrair todos os públicos, como podemos observar na seguinte imagem do site, no dia 24 de dezembro de 2010:

18 Atualmente o criador do Orkut.com é funcionário da empresa *Google*, onde atua como desenhista de interface com o usuário.

19 Cf. no link blog.orkut.com/2007_06_01_archive.html acessado em 20 de setembro de 2011.



FIGURA 5 - Página do Orkut de 24 de dezembro de 2010.

Ao simular o real, a rede social na Internet passou a ser um espaço praticado (CERTEAU, 2008), em que foi possível o início de namoros, amizades, embates políticos, discussões de livros e filmes. A partir do estudo dessas páginas é possível verificar a relação do historiador com o vivido, como coloca Certeau: “como tarefa do historiador a possibilidade de fazer reviver ou de ‘ressuscitar’ um passado. Ela quer restaurar um esquecimento e encontrar os homens através dos traços que eles deixaram” (CERTEAU, 1982, p. 45).

A rede mundial de computadores está passando por um processo de democratização, que é vinculado às facilidades em adquirir computadores domésticos nos últimos anos, possibilitando a milhões de pessoas o contato com o mundo virtual. Aqui, as transitoriedades de informações tornam-se cada vez maiores. Todavia, só tem acesso quem tem senha (como pode-se observar no site abordado), e os que não têm, vivem à margem. Paula Síbilia define então o conceito de “tecnó-apartheid”, que seria “como um arquipélago de cidades e regiões muito ricas, com forte desenvolvimento tecnológico e financeiro, em meio ao oceano de uma população mundial cada vez mais pobre” (SIBILIA, 2008, p. 24). O Brasil enfrenta esse dilema: por mais que existam programas de incentivos à inclusão digital, esse problema não será sanado enquanto a população não tiver a senha de acesso à alimentação, às escolas e aos hospitais: a Internet no Brasil é tão desigual quanto a sua sociedade.

Mesmo assim, é um fato que a sociedade brasileira de hoje não vive mais sem conexões com a Internet, pois ela é um meio de comunicação que atingiu aproximadamente 64,8 milhões de brasileiros no ano de 2009, e na última década propiciou sociabilidades nunca antes experimentadas (Folha Online, São Paulo. 20 de ago, 2009). Entretanto, os que ficam de fora são indiretamente influenciados pela Internet. Se tomarmos como exemplo indivíduos que recebem ajuda do governo federal desde 2003 pelo Programa Bolsa Família, nota-se que estes podem não ter acesso doméstico, mas recebem seus benefícios em bancos que estão equipados com a Internet, e usam dela para fazer suas transições.

Com a inserção da Internet nestas transações bancárias, as senhas tornaram-

se cada vez mais comuns entre as classes mais abastadas e as menos favorecidas: observa-se assim um cotidiano de lembrar (e esquecer) números e letras em nome da segurança das finanças. As senhas compõem também uma prática do cotidiano daqueles que estão digitalmente inclusos. Além de senhas de bancos, deve haver preocupação com senhas de e-mail, de blogues e redes sociais. Para cada senha, um cadastro em um banco de dados da empresa que fornece os acessos. Para a construção desses cadastros, são fornecidos dados pessoais que ficam à disposição das empresas que fornecem tais serviços, podendo utilizá-los da maneira que julgarem necessário. Uma prática comum nesta primeira década do século XXI é receber telefonemas de empresas de que jamais ouvimos falar tentando divulgar ou vender um produto ou serviço. Quando isso acontece, geralmente há um questionamento sobre como conseguiram esses números de telefone. Tais empresas que fornecem os serviços on-line vendem os dados para outras empresas interessadas em consumidores. Estas transações da sociedade em rede agora visam o mercado e não mais a produção. Deleuze é categórico ao afirmar que:

As conquistas de mercado se fazem por tomada de controle e não mais do que por formação da disciplina, por fixação de cotações mais do que por redução de custos, por transformação do produto mais do que por especialização da produção. A corrupção ganha aí uma nova potência. O serviço de vendas tornou-se o centro ou a alma da empresa. Informamo-nos que as empresas têm alma, o que é efetivamente a notícia mais terrificante do mundo. O marketing é agora o instrumento de controle social, e forma a raça impudente de nossos senhores. (DELEUZE, 1992: 224)

32

Essa primeira década do século XXI controlou as pessoas de variadas formas, e ao longo dela deixam-se mais rastros e sinais de nossa existência do que anteriormente. A frase “Eu vivo preso à sua senha, sou enganado”, da música o “Patrão nosso de cada dia” do grupo Secos e Molhados, no presente pode ter outra interpretação, na qual trocamos os padrões por grandes corporações. Corporações essas que têm o intuito de encontrar toda informação em segundos, com pretensões de digitalizar livros e apagar as marcas deixadas²⁰ neles, para que o leitor tenha uma leitura limpa do que foi digitalizado (CHARTIER, 2001), agregando assim cada vez mais informações. Segundo Pierre Levy:

A totalidade com pretensões universais afoga tudo aquilo que não pode reter. É desta forma que as civilizações são fundadas, que o universal imperial se instaura. [...] Talvez a primeira de todas essas tentativas de aniquilação tenha sido a do império mais antigo, na Mesopotâmia, de onde nos vêm tanto a versão oral como a escrita do dilúvio, muito antes da Bíblia. Pois foi Sargão de Agadé, rei dos quatro países, primeiro imperador da história, que mandou jogar no Eufrates milhares de tábuas de argila, nas quais estavam gravadas lendas

20 Como, por exemplo, excluindo as marginálias e os grifos dos leitores de obras, impossibilitando assim o estudo das peregrinações do leitor (CERTEAU, 2008) a partir destes rastros deixados, agora apagados em prol da digitalização e disponibilização de tais textos.

de tempos imemoriais, preceitos de sabedoria, manuais de magia, secretados por várias gerações de escribas. Os signos permanecem legíveis por alguns instantes sob a água corrente, depois se apagam. Levadas pelos turbilhões, polidas pela correnteza, as tábuas amolecem aos poucos, voltam a ser seixos de argila lisa que em pouco tempo se fundem com o lado do rio e vão se acrescentar ao lado das inundações. Muitas vozes foram caladas para sempre. Não suscitarão mais nenhum eco, nenhuma resposta. (LEVY, 2010, p. 16)

A citação de Pierre Levy demonstra a ideia de totalidade proposta por Chartier (2001), a qual vai questionar a universalização dos textos, pois ao digitalizar-se o texto/documento, mesmo que a parte escrita não se altere, produz-se outro sentido para ele, pois ele estará em outro suporte. Assim, Chartier discute que não é contra a digitalização dos textos, mas sim contra o esquecimento que essa prática pode ocasionar, deixando o mundo do livro no ostracismo.

Chartier analisa como a sociedade está estabelecida no livro impresso e, por isso, passa-se a impor essas mesmas normas ao texto eletrônico: “vemos uma domesticação por meio das categorias e critérios que ainda são os do livro impresso” (CHARTIER, 2001, p. 149). Logo o texto na tela não faz a mediação entre o suporte de papel, mudando profundamente a postura deste leitor. Mudando também a própria escrita, pois esta não condiciona a mão ao pegar um objeto que escreva no papel com um traçado próprio, mas sim a junção das duas mãos ao teclado escrevendo na própria tela, algo de que só a máquina de escrever se aproximou. Aqui o autor aborda os medos que o mundo do livro tem devido à essa aceleração provocada pelo texto eletrônico e as possíveis mudanças que essa ferramenta traz para a escrita e para leitura. Outra entrada do autor nas maneiras de escrever e ler frente à tela se dá a partir de questionamentos quanto às formas de escrever um e-mail: devem ser seguidas as regras epistolares então vigentes, ou simplesmente uma nota sem correção ortográfica? O autor conclui que tais tensões se apresentam somente naqueles que possuem uma memória epistolar, ou seja, aqueles que tiveram como prática escrever uma carta. E os que já nasceram no mundo do texto eletrônico? O autor lembra que “no mundo contemporâneo, faz-se muito claro que tudo o que pensamos como estável, invariável, ou universal se fragmenta em uma descontinuidade ou em uma série de particularidades” (CHARTIER, 2001: 152).

A história, entre outras disciplinas, só tem a ganhar, pois abrimos um leque de novas evidências e fontes nesse mundo de transformações onde existem mudanças que, mesmo não compreendendo ainda, achamos importantes. O novo leitor do mundo está navegando entre os “arquipélagos textuais” ao navegar na Internet com uma velocidade que somente o texto eletrônico pode proporcionar, de uma ilha para outra, onde um texto puxa o outro, através deste novo suporte.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas. Vol.1 Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRESCIANO, Juan Andrés. *La Historiografía en el amanecer de la cultura digital*. Uruguay: Ediciones Cruz del Sur. 2010.

BRIGGS, Asa, e Peter BURKE. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel De. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. *A História ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. *A revolução do texto eletrônico*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP, 2002.

DAVILA, Sergio. Orkut não entende seu sucesso no Brasil. Folha.com, mercado. 3 de julho de 2005. Acesso em 30 de agosto de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u97858.shtml>

DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezin (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010. P. 111-153.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Folha Online, São Paulo. 20 de ago, 2009. Internet chega a 64,8 milhões de brasileiros em julho. Informática. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u612411.shtml> Acesso em: 27 set. de 2009.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

GESSINGER, Humberto. Engenheiros do Hawaii. Terra de Gigantes/Números. In: Acústico MTV. São Paulo: Universal Music Group, 2004. 1 CD faixa 13.

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MEIRA, Sílvio. A consagração do dedão...: Ou como os celulares serão a “coisa” do futuro. In: FERNANDES, Manoel (Org). *Do Broadcast ao Socialcast: Como as redes sociais estão transformando o mundo dos negócios*. São Paulo: W3 Geoinformação Editora. 2009. P. 81-83.

MILLER, George. *Mad Max*. Produção: Byron Kennedy. Austrália: Warner, 1979. Cor, 92 min. DVD 1 disco Edição Especial de Colecionador, 2005.

NORA, Pierre. “Entre memória e História: a problemática dos Lugares.” *Projeto História*, n. nº 10 (Dezembro 1993): 7-28.

Revista Veja. 6 de junho de 2001 p.147. NOITE EM CLARO, BOLETIM VERMELHO, Para Usar.

Revista Veja. 8 de janeiro de 1997 p.17. IMPOSTO. Hipertexto.

Revista Veja 25 de Dezembro 1996 p. 190. PAPAÍ Noel chegou na Itaotec Shop.

RIFIOTIS, Theophilos. *Antropologia no Ciberespaço*. Florianópolis: Editora UFSC, 2010.

SCOTT, Ridley. *Blade Runner: O caçador de Andróides*.. Produção: Michael Deeley. EUA: Warner, 1982. Cor. 118 min. DVD 3 discos Edição Especial. 2007.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.